

Relações com Investidores

O Papel do Balanço Social

Vanessa Callau*

O Balanço Social é uma peça institucional que ganha força a cada ano, um reflexo do movimento de responsabilidade social empresarial que atravessa o planeta.

A publicação de balanços sociais teve início no final da década de 60, em meio aos protestos da Guerra do Vietnã, quando a sociedade começava a fazer boicotes a determinadas empresas por sua participação na guerra. Tais empresas criaram então, nos EUA e Europa, o balanço social, como um instrumento de transparência e resposta à sociedade. Mais tarde, a partir da década de 70 alguns países, como França, Portugal e Bélgica instituíram leis que tornavam obrigatório sua publicação, e esse foi um marco na história dos balanços sociais.

Hoje em dia, a denominação varia muito, pode ser chamado de Balanço Social, Relatório de Sustentabilidade, Relatório Sócio-Ambiental, Relatório de Responsabilidade Corporativa, e até, unicamente, de Relatório Anual. Da mesma maneira, ele pode ser uma publicação separada do Relatório Anual da Administração ou vir junto dele, acompanhando inclusive as Demonstrações Financeiras.

Há, no entanto, uma evolução de conteúdo, escopo e posicionamento entre o que se chama, em uma ponta, de balanço social e na outra ponta, de relatório de sustentabilidade. Em geral, esse último vai muito além de informações sobre projetos sociais e culturais, ele é baseado no *triple bottom line*, ou seja, no tripé de sustentabilidade, que entende o negócio a partir de uma visão tridimensional, e engloba os aspectos econômicos, sociais e ambientais, com igual peso para as três dimensões.

No Brasil, há três modelos de balanço social que estão entre os mais utilizados: o do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), um modelo reduzido e simplificado que prima pela divulgação dos resultados a todos os públicos interessados, principalmente os colaboradores da empresa; o do GRI (*Global Reporting Initiative* - organização internacional, *multistakeholder*, que conta com mais de 1.000 membros em sua rede) e que propõe um padrão internacional de relatório de sustentabilidade, baseado no *triple bottom line*; e o do Instituto Ethos, baseado nas diretrizes do GRI e adaptado ao cenário brasileiro. O modelo do Instituto Ethos e as diretrizes do GRI são modelos analíticos, aos quais pode ser incorporado o modelo do Ibase, geralmente como anexo.

Em 2002, segundo pesquisa da KPMG, 45% das maiores empresas do mundo publicaram relatório social. Até junho de 2005, pelo menos 671 organizações (642 do setor privado) haviam publicado seus relatórios seguindo o modelo proposto pela GRI, 59 das quais adotaram o modelo na sua íntegra, o chamado “in

accordance”. Dentre elas estão duas brasileiras, a CPFL e a Natura, e empresas como a Shell International, Telefónica de Espanha, Intel Corporation, BT Group (British Telecom), General Motors Corporation, Ford Motor Company e Volvo Car Corporation.

O mais importante a se notar é que o Balanço Social, ou o Relatório de Sustentabilidade, como prefiro chamá-lo, é muito mais que uma peça de comunicação corporativa, é uma ferramenta de gestão cujos resultados podem e devem ser incorporados ao planejamento estratégico da empresa e de cada uma de suas áreas. Ele é um instrumento que fornece ao gestor a identificação de riscos, falhas, passivos ocultos e oportunidades de melhoria, e ainda, uma importante peça que contribui, no nível operacional, para a implementação de Sistemas de Gestão tanto na área econômica, como na social, quanto na ambiental.

Seu processo de elaboração é transversal, envolve, mobiliza e dialoga com todas as áreas da empresa. É um produto caro, que demanda tempo, envolve muitas pessoas, e que por todas essas razões, deve ter seus resultados maximizados. Nesse sentido, é fundamental integrar o processo de elaboração do Balanço Social à agenda corporativa, fazendo com que seus resultados sejam incorporados ao planejamento estratégico da empresa.

Em outras palavras, sua utilização não é pontual, serve para estabelecer e acompanhar metas, bem como rever processos e produtos. A empresa que incorpora o Relatório de Sustentabilidade à sua gestão entra em um círculo virtuoso de sistema de gestão, pois planeja, implementa, avalia e realimenta o sistema com as informações, reiniciando o ciclo novamente. Portanto, a adoção do Balanço Social que ultrapasse os limites da comunicação e sirva como uma ferramenta de gestão, é uma decisão que traz em si, automaticamente, a incorporação de outras práticas de gestão de responsabilidade corporativa.

Não está cientificamente comprovada a relação entre um modelo de gestão que respeite os princípios da sustentabilidade e adote padrões éticos no relacionamento com todos os seus públicos (os chamados *stakeholders*: fornecedores, consumidores, colaboradores, acionistas, governos, mídia, entre outros), e o impacto positivo nos resultados financeiros da Companhia, porém, há fortes indícios e estudos que apontam para a veracidade dessa hipótese.

A empresa que incorpora práticas de gestão socialmente responsável, tem mapeados, diagnosticados e controlados os riscos de seu negócio e estabelece uma relação de transparência e confiança com seus públicos, gerando em toda sua cadeia resultados individuais, que somados, apontam para um resultado financeiro positivo e sustentável. Ela

corre menos riscos, ou os tem sob maior controle, e conseqüentemente, tem mais facilidade no acesso a capitais, gera vínculos, atrai talentos, aumenta sua eficiência e produtividade, cria fidelidade e uma relação de respeito com o consumidor, além de ter uma marca com uma imagem positiva no mercado. Todos esses fatores somados indicam que incorporar à gestão os princípios da sustentabilidade é uma atitude positiva e que agrega um diferencial de competitividade determinante para a sobrevivência dos negócios.

Estudos têm apontado para a correlação entre Responsabilidade Social Empresarial e desempenho financeiro e é nessa lógica que se baseiam também os fundos de investimento éticos, compostos apenas por empresas socialmente responsáveis - são os chamados SRI (*Socially Responsible Investing*). Historicamente, o retorno financeiro desses fundos tem sido superior aos outros fundos tradicionais de mercado. Segundo dados do *Social Investment Forum 2003 – Trends Report* – EUA, entre 1995 e 2003, a indústria de fundos nos EUA cresceu 174% enquanto que os SRI (*Socially Responsible Investing*) cresceram, no mesmo período, 240%. Em novembro de 2001, o BANCO REAL/ABN AMRO lançou o primeiro fundo de investimentos alinhado aos conceitos de Responsabilidade Corporativa do Brasil, o “Fundo Ethical”.

Hoje, no Brasil e no mundo, acredito que não seja possível encontrar um setor de negócios onde não haja pelo menos um concorrente que tenha assimilado, ou esteja incorporando, práticas de gestão de Responsabilidade Social e, conseqüentemente, seus competidores começam mais e mais a acompanhá-los.

O Relatório de Sustentabilidade, pode ser um primeiro passo nesse caminho de incorporação de princípios e práticas de sustentabilidade à gestão dos negócios e é um excelente instrumento para realimentar esse sistema.

* Consultora, especial para *Gazeta Mercantil*